

UM NOVO ANO...

por Mário Soares

2006 foi um péssimo ano para o Ocidente. Não só para os Estados Unidos mas também para a União Europeia. Em muitos aspectos houve, obviamente, progressos assinaláveis. Nos domínios da Ciência, das Tecnologias, das Artes e da Cultura, em geral. Mas 2006 marcou o início do descrédito do Ocidente, num mundo multilateral em acelerada transformação, dados os tremendos erros geoestratégicos cometidos pelos Estados Unidos - no Iraque, no Afeganistão, na "guerra" contra o terrorismo global - e também pelas graves omissões da União Europeia e pela paralisia, prenúncio de decadência, em que tem permanecido desde que aceitou meter no congelador o Tratado Constitucional. Sem esquecer Israel, infeliz país, ao qual o Ocidente permitiu atolar-se no conflito com a Palestina e lançar-se na invasão do Líbano, de arrasadoras consequências.

O mais grave de tudo foi a perda de autoridade moral do Governo Bush, por não respeitar os Direitos Humanos e deliberadamente ignorar as regras do Direito Internacional e das Convenções de Geneve, bem como a tentativa que fez de marginalizar as Nações Unidas e de se afastar sintomática e perigosamente do Protocolo de Quioto. Não obstante o apêlo dramático de Al Gore, que teve o grande mérito de pôr na agenda mundial, irrecusavelmente, a urgência de encontrar soluções para os gravíssimos problemas ecológicos que afligem o Planeta, por culpa do homem.

Houve, no entanto, em fins de 2006 um grande sinal de esperança. Foi dado pelos resultados - claríssimos - das eleições americanas de 7 de Novembro, que representaram a condenação, sem remédio, da política global do Presidente Bush. No plano da política exterior, claramente; mas também no interno: dado o insustentável, a prazo, deficit financeiro; o agravamento crescente das desigualdades sociais; a incapacidade de gestão do território, como o desastre Katrina demonstrou; o aumento dos casos de corrupção; etc.

Contudo, a maior dificuldade, nos próximos tempos, reside na circunstância de Bush ainda ter, à sua frente, dois anos de mandato. Embora condicionados. É verdade que se verificaram logo, após as eleições, consequências positivas: a demissão e substituição de Donald Rumsfeld e a do representante dos USA nas Nações Unidas, John Bolton (a que Bush foi forçado); e a divulgação do relatório do republicano James Baker e do democrata Lee Hamilton, que foi muito mais severo, para Bush - na apreciação das políticas e nas recomendações - do que se poderia pensar.

Como irá conviver Bush, em 2007, com um Congresso maioritariamente hostil à sua política, sabendo-se que a opinião pública é também extremamente crítica e o próprio partido republicano começa a tomar as suas distâncias, em relação ao Presidente? É difícil prever. Mas é muito provável que George Bush tenha começado a morrer, politicamente, em 7 de Novembro de 2006. Mas ainda está vivo e pode continuar a fazer grandes estragos...

2007 pode, pois, ser um ano de viragem. Oxalá o seja! Mais rápida ou mais lenta, consoante a relação das forças internas nos Estados Unidos e na União Europeia, sua principal aliada. Porque, não o esqueçamos, as opções que se põem à América são extraordinariamente complexas: uma economia dominada pela especulação financeira, com a sua base produtiva em perda; cercada pelas potências emergentes, que começam a ser altamente competitivas; envolvida em várias guerras externas, sem soluções à vista que não sejam terrivelmente traumáticas; com uma opinião interna dividida, descrente, que condiciona os dois principais partidos... Não é nada fácil encontrar uma base consensual, que suscite uma nova dinâmica e abra um novo ciclo. Faz falta um grande Presidente, à altura de Franklin Roosevelt!...

A União Europeia parece ter percebido, finalmente, que deve sacudir rapidamente o torpor e avançar, definindo uma política autónoma dos Estados Unidos, embora relançando os laços de Aliança, num plano de igualdade. É essencial para um novo equilíbrio do Ocidente, face ao Mundo.

A Alemanha parece empenhada em aproveitar a sua presidência para dar um grande empurrão à União, no plano institucional e político da construção europeia. Segue-se a presidência

de Portugal, que em convergência estratégica com Espanha, espero, possa conferir à União o contributo ibérico do nosso humanismo universalista, debruçados como estamos no Mediterrâneo e no Atlântico, com particulares responsabilidades na América Latina e em África. Se o núcleo duro europeu não avança no sentido de uma Europa Política e Social, à semelhança do que se fez com o euro e o espaço Schengen - deixando aos Estados membros que não nos queiram ou possam acompanhar já, a porta aberta para arranjos futuros - a União monetarista, como mero espaço de livre comércio, tenderá a desintegrar-se. O que seria trágico para a União e para o Mundo.

Veremos o que nos reservará 2007. Kofi Annan que sai como um homem de paz e de boa vontade - que se bateu pelos Objectivos do Milénio, pela Aliança de Civilizações e se manteve de pé, perante a guerra do Iraque, com que nunca concordou, não o esqueçamos - será substituído por um asiático, o coreano do sul Ban Ki-Moon. Este será logo confrontado com a execução - ou não - de Saddam Hussein, o sanguinário ditador que os americanos poderão transformar num mártir, ironia da História, se o deixarem enforcar, tornando insanáveis as divisões entre sunitas e xiitas e inviabilizando de vez um país chamado Iraque.

Assim vai o Mundo, com a Rússia, a China e a Índia, à espreita, sem nenhuma pressa, o Japão e a Alemanha a recuperarem as suas economias (significativamente) e a Ibero-América em rápida mudança (positiva) e com ela o novo colosso emergente, o Brasil...

Lisboa, 28 de Dezembro de 2006